

O COTIDIANO E O TERRITÓRIO

The Everyday and the Territory

Héctor Hugo TRINCHERO*
 Antônio Firmino OLIVEIRA NETO**
 Carlos MARTINS JÚNIOR***

Resumo: A partir de pesquisa bibliográfica baseada, principalmente, em obras de Michel de Certeau, Henri Lefebvre, Agnes Heller e Milton Santos busca-se uma discussão conceitual sobre o cotidiano e a sua relação com o território. O texto preconiza que são os diversos aspectos da relação estabelecida com a natureza que possibilitam ao homem a sua humanização, pois, se por um lado o homem transforma a natureza em elementos que satisfaçam as suas necessidades, por outro lado é essa natureza já transformada que dá às gerações seguintes as condições para a assimilação de todo o conteúdo humano já praticado pelas gerações pretéritas.

Palavras-chave: Cotidiano, vida cotidiana, território.

Abstract: From a bibliographic research based, mainly, on the work of Michel de Certeau, Henri Lefebvre, Agnes Heller and Milton Santos we try a conceptual discussion about the everyday and its relation to the territory. The text advocates that are the great amount of aspects of established relation with nature that make the man humanization

Introdução

¿Cómo definir la vida cotidiana? Nos rodea y nos cerca; en el mismo tiempo y el mismo espacio, está en nosotros y nosotros en ella y estamos fuera de ella, tratando sin cesar de proscribirla para lanzarnos en la ficción y lo imaginario, nunca seguros de salirnos de ella, aun en el delirio del sueño.

Henry Lefebvre – *De lo rural a lo urbano*

Como definir a vida cotidiana? Essa era a questão que angustiava Henri Lefebvre ao escrever a introdução à psicossociologia da vida cotidiana. Para complicar ainda mais a resposta perseguida, o autor sinalizava que a vida cotidiana nos cercaria e rodearia, tanto no espaço, quanto no tempo e

* Doctor en Antropología, Profesor Titular de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, docente del Doctorado en Antropología (FFyL/UBA). E-mail: hugotrinchero@gmail.com

** Doutor em Geografia, Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Aquidauana, docente do Programa em Estudos Fronteiriços (UFMS – Câmpus do Pantanal). E-mail firmino.neto@ufms.br

*** Doutor em História, Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Aquidauana, docente do Programa em Estudos Fronteiriços (UFMS – Câmpus do Pantanal). E-mail carlos.martins@ufms.br

possible, because if, on one side man transforms nature in elements that satisfy his needs, on the other hand, it is this transformed nature which gives the following generations the conditions for the absorption of all the human content already practiced by the preterit generations.

Keywords: Everyday, everyday life, territory.



da mesma forma que ela estaria em nós, nós estaríamos nela. Nas primeiras linhas do texto, Lefebvre (1978, p. 85) já apontava para o tamanho da tarefa que se apresentaria para aqueles que desejam fazer uma discussão sobre a vida cotidiana ao afirmar que: “Todos la conocemos (y solo a ella conocemos) y cada uno de nosotros la ignora”.

No senso comum é normal definir-se negativamente o cotidiano, como algo entediante, aborrecido e rotineiro ou como a mera repetição mecânica dos mesmos gestos, desde o café da manhã até o anoitecer ou o adormecer. Muitas vezes procura-se banir o cotidiano para a ficção ou para o campo do imaginário, mesmo na incerteza de poder escapar-se dele, como sinalizou Lefebvre. No meio científico, várias são as áreas do conhecimento que, já há algum tempo, se dedicam à tarefa de entender os aspectos positivos e negativos da vida cotidiana ou os reflexos negativos e positivos do cotidiano em um indivíduo ou numa sociedade.

Mas, à inquietação de Lefebvre, é necessário acrescentar também outra pergunta: Como fazer um estudo sobre o cotidiano? Explicando melhor, seria necessário acrescentar o questionamento de como fazer os estudos sobre o tema sem cair num empirismo simplista, dedicado exclusivamente às descrições dos acontecimentos diários, ou num filosofismo exagerado, como aquele que levou Michel de Certeau a concordar com o combate que Wittgenstein fez “à

presunção que leva a filosofia a fazer ‘como se’ ela desse sentido ao uso ordinário, e supusesse para si um lugar próprio de onde pensar o cotidiano” (CERTEAU 1994, p. 70). Lefebvre (1991, p. 20) também dirigiu crítica ao filosofismo exagerado de alguns filósofos, argumentando que; “À alienação filosófica, verdade sem realidade, corresponderia ainda e sempre à alienação cotidiana, realidade sem verdade”.

Seria, portanto, possível estudar a vida cotidiana sem limitá-la aos aspectos meramente mecânicos e repetitivos das tarefas diárias? Ou, seria possível realizar tais estudos sem considerar o cotidiano como o elemento mais profundo, como a essência, a existência de todas as coisas?

Sobre o território, ou sobre a relação existente entre território e vida cotidiana, algumas questões também se apresentam: É possível incluir o território nas discussões sobre a vida cotidiana? O cotidiano se insere nas discussões sobre o território? Ou melhor, seria possível territorializar o cotidiano?

São inquietações de difícil solução que, certamente, não seria possível equacioná-las em um breve texto como este. Mas, encaramos o desafio e lançamos mão de uma discussão de caráter exclusivamente conceitual e bibliográfico na qual acreditamos poder servir como apontamentos para debates futuros. Por isso, alertamos que o presente texto apresenta-se mais como um ensaio do que um tratado filosófico ou uma tese baseada em fatos e experimentos.

Mesmo limitada às pesquisas bibliográficas, esta é uma tarefa bastante complicada, pois, nestes casos, o que, habitualmente, seria a aventura de buscar discursos anteriormente elaborados para fazer um novo discurso ou uma nova teoria, é possível deparar-se com a escassez e, como foi observado por Michel de Certeau, quando a teoria deve desbravar um terreno onde não há mais discursos, surge um problema. Certeau (1994, p. 133) asseverou ser esse fato um “Desnívelamento repentino: começa a faltar o terreno da linguagem Verbal” e alertou: “A operação teorizante se encontra aí nos limites do terreno onde funciona normalmente, como um carro à beira de uma falésia. Adiante, estende-se o mar...”.

Como definir o cotidiano?

Para Certeau (1994) as práticas cotidianas estariam dependentes de um grande conjunto que, para ele, seriam de difícil delimitação e por isso, provisoriamente, chamou de “procedimentos”. Para aprofundar a discussão, acrescentamos que o cotidiano pode ser entendido, no acontecer, como a repetição diária e infundável de todas as ações humanas, sejam elas boas ou ruins, “la mejor y La peor de

las cosas”, como escreveu Lefebvre (1978, p. 85). “São esquemas de operações e manipulações técnicas”, também segundo Certeau (1994, p. 109), ou ainda “a vida de todo homem”, nos dizeres de Heller (1992, p. 17). Na mesma linha de raciocínio, Oliveira Neto (2007, p. 62) escreveu que a repetição cotidiana de todas as ações é que permite ao indivíduo o contato com o mundo humano já realizado, da natureza convertida em bens que realizam a sua materialidade. Para o autor, os bens materiais, produzidos em lugares cada vez mais distantes, ou em regiões sequer imaginadas, “permitem ao indivíduo o contato com naturezas longínquas e lhe oferecem novas ambições, ampliando e estimulando os seus desejos”.

Os conceitos de cotidiano contidos nos escritos dos autores acima remetem, ao mesmo tempo, tanto aos aspectos empíricos da vida cotidiana, quanto à ideia de que a repetição diária dos mesmos gestos é inerente à condição humana. Dos autores citados importa assimilar que, contendo aspectos positivos e negativos, a vida cotidiana submete todos os indivíduos e lhes permite o contato com o mundo humano existente e, da mesma forma, atribui aos indivíduos a responsabilidade pela continuidade, da própria vida e da condição humana.

Agnes Heller escreveu que os homens desejam alcançar alguns fins, mas estes fins estão determinados pelas circunstâncias que modificam seus esforços e aspirações, produzindo resultados divergentes dos fins inicialmente estabelecidos. O pensamento da autora induz à ideia de uma cotidianidade repleta de atributos inesperados, possíveis de alterar os planos e as aspirações dos indivíduos. Todavia, para Heller (1992, p. 1), “essas ‘circunstâncias’, nas quais os homens formulam finalidades, são as relações e situações sócio-humanas, as próprias relações e situações humanas mediatizadas pelas coisas”. Se para Heller (1992) a “circunstância” seria a unidade de forças produtivas, estrutura social e formas de pensamento, por outro lado, devemos entender “as coisas” como a materialidade humana, ou o mundo humano já realizado, como nos dizeres já mencionados de Oliveira Neto (2007).

Heller (1992, p. 17) afirmou ainda que todos vivem a vida cotidiana, “sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico”. A autora argumenta que nenhum ser humano consegue desligar-se completamente da cotidianidade a ponto de identificar-se somente com os aspectos humanos genéricos¹, assim como, também, ninguém consegue viver

¹ “Também enquanto indivíduo, portanto, é o homem um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, estamento, classe, nação humanidade) – bem como, frequentemente, várias integrações – cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua ‘consciência de nós’”. (HELLER 1992, p.21)

exclusivamente na cotidianidade, embora ela absorva preponderantemente todo indivíduo.

Entendemos o cotidiano na maneira de como a vida dos indivíduos (dos seres humanos) é produzida² e reproduzida e, nesse ato contínuo e cumulativo, a sua transformação em humano. Embora esta afirmação possa ser perigosa, pois poderia implicar numa redução conceitual, acreditamos ser necessário arriscar e tentar elaborar uma discussão a partir desta lógica.

No cotidiano as necessidades se transformam em desejos

O ponto de partida para a discussão aqui pretendida será o pressuposto levantado por Lefebvre (1978, p. 86) de que: “En la vida cotidiana, sector privilegiado de la práctica, las necesidades se convierten en deseos”. Ainda segundo o autor, “Éstos toman forma en ella, y en ella pasan de biológicos (es decir animales y vitales) a humanos”.

Por meio de bens produzidos por ele próprio, o indivíduo satisfaz as suas necessidades (biológicas, fisiológicas, animais e vitais) e contribui para a satisfação das necessidades do grupo do qual faz parte e, a repetição cotidiana da satisfação das necessidades individuais e coletivas (sociais), possibilita ao indivíduo tomar consciência dessas necessidades transformando-as, assim, em desejos. É esta uma característica imanente à condição de humano!

As necessidades estão presentes no quadro geral dos humanos³, ou seja, da humanidade e, como afirmou Marx (1996, p. 165): “A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera em nada na coisa”. O indivíduo humano necessita do sexo, do alimento, da moradia, da vestimenta, do trabalho, das coisas lúdicas, etc., já os desejos se individualizam em função do grupo ao qual o indivíduo faz parte e, a socialização e a humanização das necessidades caminham juntas com a individualização dos desejos, mas, como

² Ana Fani Carlos, ao argumentar a ligação do lugar com a realização da vida, esclarece a noção de produção: “Trata-se da elucidação de um movimento que envolve a produção e suas relações mais gerais, significa, neste contexto, que as relações sociais ocorrem fora dos limites estreitos da produção de mercadorias e do processo de trabalho (sem, todavia, negá-la) para enfocar a vida em todas as suas dimensões (aquela que se desenvolve ligando momentos e lugares como a casa, a rua, o bairro) criando uma trama de relações na trama dos lugares onde se destaca uma rede articulada enquanto prática sócio-espacial e nesta direção, a produção do espaço se realiza enquanto produção ininterrupta da vida” (2004, p. 47).

³ “Si la pregunta que ha de plantearse es la de si es más importante la necesidad de comida o la de actividad creativa, la necesidad de amistad o la de higiene, nos veremos atrapados en debates completamente carentes de sentido, puesto que todas estas necesidades aparecen en los aspectos más diferentes de la vida y de la actividad humana” (HELLER 1996, P. 69).

adverte Lefebvre (1978, p. 86): “no sin conflictos, no sin daños, a veces irreparables”. Na cotidianidade a transformação de necessidades em desejos aguça a criatividade, individualiza os gostos, mas sem deixar de submetê-los às características culturais do grupo social a que pertence.

Entretanto para analisar a vida cotidiana de um povo deve-se ir muito além da simples análise do que é feito no interior da sociedade estudada. Faz-se necessário vê-la por fora, comparando-a com outras formas de viver (e de pensar – se quisermos continuar seguindo o pensamento de Heller), de outros povos, entendendo que o cotidiano transforma um grupo de indivíduos em humanos, mas, ao mesmo tempo, diferencia os grupos uns dos outros, sem perder a essência que lhes dão a condição humana. Lefebvre (1978, p. 85) vai mais longe e argumenta que: “La historia de las ideas nos muestra que hombres y pueblos, épocas y civilizaciones, no alcanzan sino en última instancia lo que eran en sus inicios”.

Também é lembrado por Lefebvre (1978, p. 85-86) que: “La ciencia de la realidad social no puede confundir este campo de experiencias con la producción y la distribución, aspectos de la economía política”. Para o autor, um especialista em publicidade conhece melhor as relações entre bens e desejos que o economista ou o estatístico e que, nem a Sociologia, a Psicologia ou a Psicologia Social, ciências que se preocupam com os grupos, com o indivíduo ou com as opiniões e atitudes, conseguem captar em toda a sua extensão o vasto campo dominado pelas ações cotidianas.

Como incluir o território nos estudos sobre o cotidiano?

Entender o cotidiano a partir do que preconiza Lefebvre (1978) impõe uma visão ampliada, numa difícil construção conceitual⁴ que deve perpassar por várias áreas do conhecimento científico. A Sociologia, a Antropologia, a História, a Geografia, a Psicologia e o estudo da Linguagem são áreas da ciência que já apresentam considerável produção bibliográfica sobre o tema. Autores que se

⁴ Michel de Certeau afirma que existem diferenças sociais, econômicas, históricas, entre os praticantes dos atos estudados e os analistas (cientistas), a tal ponto que é impensável uma neutralidade. Para o autor: “Essa diferença tem aliás um revelador no interior do próprio estudo: uma ruptura ou o corte entre o tempo das solidariedades (o da docilidade e da gratidão do pesquisador para com seus anfitriões) e o tempo da redação que põe à mostra as alianças institucionais (científicas, sociais) e o lucro (intelectual, profissional, financeiro, etc.) que tem objetivamente nessa hospitalidade o seu meio. Os Bororo vão descendo lentamente para a morte coletiva, enquanto Lévi-Strauss veste o fardão da Academia. Mesmo que ele não se console com essa injustiça, isto não muda em nada o fato. E esta é também a nossa própria história, não apenas a dele. Apenas sob este aspecto (sinal de outros mais importantes), o mesmo se dava antigamente, quando o popular alimentava o clero” (1994, p. 86).

dedicam aos estudos do Turismo, do Marketing, da Comunicação e do Jornalismo, também têm buscado o entendimento sobre o cotidiano.

Milton Santos, procurando contribuir com a inserção da Geografia nos estudos sobre a vida cotidiana, considera o cotidiano como uma categoria da existência que se presta a um tratamento geográfico do mundo vivido e deve levar em conta as variáveis: objeto, ação, técnica e tempo. Ele advertiu que com o papel que a informação e a comunicação alcançaram nos aspectos da vida social, o cotidiano se enriqueceu de novas dimensões e dentre elas ganha importância a dimensão espacial e, por isso, o cotidiano seria a quinta dimensão do espaço banal. Desta forma, segundo Santos (1994b, p. 38), o cotidiano “deve ser objeto de interesse dos geógrafos, a quem cabe forjar os instrumentos correspondentes de análise”. À advertência de Santos, pode-se acrescentar ainda que os estudos geográficos necessitam desvendar as obscuridades contidas no cotidiano para entender como se enquadra o ato contínuo da repetição diária dos mesmos gestos (ou ações) na estruturação do espaço geográfico, ou da indissociabilidade solidária e contraditória de sistemas de objetos e sistemas de ações, para continuar seguindo o pensamento de Santos (2012, p. 63).

Como objeto de estudos da Geografia, o cotidiano deve ser analisado enquanto importante elemento na relação que o homem estabelece com a natureza para a produção e reprodução da sua vida e da sua condição de humano. Vale lembrar que ao nos referirmos à natureza, não estamos nos aludindo apenas aos elementos naturais, ou ao ambiente natural, mas a todos os elementos manipulados pelo homem, incluindo a natureza transformada. Pois, ao se relacionar com a natureza, o homem ao mesmo tempo em que se relaciona com os elementos naturais propriamente ditos, relaciona-se também com o mundo humano já produzido, representado pelas “coisas” a que se referiu Heller.

É esse duplo aspecto da relação estabelecida com a natureza que possibilita ao homem a sua humanização. Se por um lado o homem transforma a natureza em elementos que satisfaçam as suas necessidades, por outro lado é essa natureza já transformada que dá às gerações seguintes as condições para a assimilação de todo o conteúdo humano já praticado pelas gerações pretéritas. Esse é um processo de atos sucessivos e cumulativos que traz consequências inexoráveis ao homem e à natureza. Práticas cotidianas, tanto quanto conhecimentos, são acumulados e repassados ao longo das gerações, às vezes por métodos simples e inimagináveis como nas brincadeiras de crianças ou nas ações casuais, mas são acumulados e repassados, principalmente, pelo uso do território e pela manipulação das coisas que dão consistência e densidade à existência humana.

Para que os conteúdos humanos pudessem ser repassados de uma geração para outra, foi fundamental que o homem adquirisse a capacidade de repetir

diariamente todas as suas ações, entendendo isso como a repetição cotidiana da manipulação das coisas (ou procedimentos, seguindo Certeau). A cotidianidade representa desta forma, o caminho pelo qual o homem, fazendo uso do território, empregando todos os seus sentidos e sensações, e manipulando os objetos que constituem a sua materialidade, aprofunda a sua condição de humano e dá prosseguimento à existência da humanidade.

Para que a relação entre homem e natureza, representada pelas relações entre homens e coisas, se concretize no caminho acima referido é imprescindível que haja aquilo que, para Lefebvre, é a única coisa que pode, sem dúvida, definir toda a complexidade contida na vida cotidiana – Apropriação⁵. A apropriação estabelecida pelos seres humanos da vida em geral e da sua vida em particular que, conforme foi enfatizado por Carlos (2004, p.47), “liga-se as relações que ocorrem no plano do morar e de tudo que essa expressão significa enquanto realização da vida humana englobando momentos do lazer, do trabalho, da vida privada, e com isso, o sentido do dinamismo entre necessidades e desejos que pautam a reprodução da vida”.

Neste sentido, o vasto campo de experiências e sensações contidas na vida cotidiana possibilita ao ser humano a realização da verdadeira apropriação, aquela que, partindo das condições particulares, ofertadas pelos objetos (as coisas) de uso direto, ele faz da vida em geral incluindo, necessariamente, o território. Ao mesmo tempo o uso e a apropriação do território ampliam ainda mais o campo das experiências e sensações, num círculo virtuoso dominado pelas ações cotidianas.

O território, nesse contexto, seria não apenas a área, o local ou o palco das realizações humanas, mas um componente de interação e constituição dos elementos indispensáveis às ações cotidianas. Santos já afirmou que “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social”, o que reforça a necessidade dos estudos geográficos sobre o cotidiano. O autor prosseguiu afirmando que o território é “uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica” (SANTOS, 1994a, p.15).

⁵ Em outro texto do mesmo livro (Introducción al estudio del hábitat de pabellón) Henri Lefebvre esclarece o conceito de apropriação: “El concepto de apropiación es uno de los más importantes que nos hayan podido legar siglos de reflexión filosófica. La acción de los grupos humanos sobre el medio material y natural tiene dos modalidades, dos atributos: la dominación y la apropiación. Deberían ir juntas, pero a menudo se separan. La dominación sobre la Naturaleza material, resultado de operaciones técnicas, arrasa esta Naturaleza permitiendo a las sociedades sustituirla por sus productos. La apropiación no arrasa, sino que transforma la Naturaleza – el cuerpo y la vida biológica, el tiempo y el espacio dados – en bienes humanos. La apropiación es la meta, el sentido, la finalidad de la vida social. Sin la apropiación, la dominación técnica sobre la Naturaleza tiende a lo absurdo, a medida que crece. Sin la apropiación, puede haber crecimiento económico y técnico, pero el desarrollo social propiamente dicho se mantiene nulo” (1978, p. 164/165).

O argumento de Santos (1994a, p.15) de que “o que ele [o território] tem de permanente é ser o nosso [para todos] quadro de vida”, nos leva a associar o território à argumentação de Lefebvre sobre apropriação, assim como à idéia marxista⁶ da capacidade do homem de modificar a natureza, produzindo as coisas que constituem a materialidade humana⁷. Desta maneira, as coisas produzidas para satisfazer as necessidades humanas teriam as suas características definidas por uma mescla de dois aspectos: um aspecto estabelecido pelas apropriações anteriores do território, ou, pelas relações anteriormente existentes entre o território e a sociedade que o ocupava e, o outro aspecto estabelecido pelas relações – ou apropriações, que ocorrem entre as novas gerações e o território modificado pelas gerações anteriores.

Sendo assim, as coisas nas quais a vida cotidiana se concretiza seriam o alimento, o vestuário, os móveis, a casa ou a habitação, a vizinhança, a rua, os arredores e o que existe nos arredores, os objetos que remetem ao lúdico, ou seja, a cotidianidade se concretiza na produção e no uso de tudo aquilo que pode ser chamado de cultura material⁸. O cotidiano, ao mesmo passo que contribui para a produção da humanidade é igualmente resultante da capacidade que o homem tem de, ao se relacionar com a natureza, usando e se apropriando de um determinado território, produzir a sua materialidade.

Heller (1992) afirmou que homem já nasce inserido na cotidianidade, portanto rodeado de toda essa materialidade que é cultural e, segundo ela, o amadurecimento do indivíduo significa que ele está apto para viver por si mesmo a sua cotidianidade e assim ser chamado de adulto. Heller (1992, p. 19) prosseguiu afirmando que o adulto deve dominar a manipulação dos objetos, ou das coisas que sejam imprescindíveis para a vida da sua cotidianidade, portanto, a assimilação ou a capacidade de manipulação das coisas seriam sinônimas da capacidade de assimilação das relações sociais “pois não é adulto quem aprende a comer apenas com as mãos, ainda que também desse modo pudesse satisfazer suas necessidades vitais”, conclui.

⁶ “Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começa a produzir seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material” (MARX & ENGELS, 1986, p. 27).

⁷ “O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (SANTOS, 1994a, p. 16).

⁸ “A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação” (HELLER, 1992, p. 18).

Nesse sentido, ter a capacidade de se inserir no contexto das relações sociais em que vive, incluindo aí a relação com a natureza e com o território, significa a plena capacidade do indivíduo de lidar com a vida cotidiana. Desta forma a vida cotidiana se revela não apenas na manifestação da repetição diária dos gestos e da manipulação das coisas, mas principalmente nas relações sociais intrínsecas a existência dos gestos e das coisas.

Contudo, a vida cotidiana vai além dos gestos e das coisas meramente materiais, ela seria também, o econômico, o psicológico, o sociológico, o religioso, o cultural, o territorial, “enfim objetos e domínios particulares atingíveis por métodos e diligências específicas” (LEFEBVRE, 1991, p. 28). O cotidiano deve ser visto, ainda, como o lugar do embate entre o concebido e o vivido (SEABRA, 1996, p. 72), onde o ser humano relaciona-se, não só com os bens materiais produzidos por ele, mas relaciona-se principalmente com as necessidades sociais e espirituais advindas ou complementares a esses bens.

Assim, a vida cotidiana pode ser entendida como o centro do acontecer histórico, de onde emanaria a verdadeira essência da substância social, proveniente da relação estabelecida entre as necessidades, os bens (a manipulação das coisas) e os desejos. De tal forma que “toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade” (HELLER, 1992, p. 20) e poderia acrescentar da continuidade, pois a assimilação da cotidianidade de uma época significaria a assimilação de todo o passado da humanidade, “embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas ‘em-si’” (HELLER, 1992, p. 20).

Ainda segundo Agnes Heller, a cotidianidade exige que o homem utilize todas as suas sensações, sentidos, capacidades intelectuais e manipulativas, sentimentos, paixões, ideias e ideologias, ou seja, todos os aspectos da sua individualidade e personalidade. Essa realidade de funcionamento de todas as capacidades do indivíduo, ou seja, daquilo que Heller chama de “homem por inteiro”, impede a realização plena, em toda a sua intensidade, de cada uma dessas capacidades. Por isso, a autora argumenta que quanto maior for o compromisso pessoal, do ser humano com suas decisões, maior a capacidade do indivíduo de se elevar à esfera da generalidade ou do homem-genérico e superar a cotidianidade, transformando-se em um homem inteiramente (HELLER, 1992). Mas entendemos que isso implicaria num outro patamar do desenvolvimento humano, numa realidade ainda bastante distante.

Sem concluir para apontar novas reflexões

As pessoas nascem, crescem, vivem e morrem utilizando-se de um território, mas é nas ações cotidianas, onde a vida delas se realiza e pode se realizar

superficialmente ou na sua plenitude. No entanto, como o indivíduo pode realizar a sua vida de forma superficial ou na sua plenitude se a cotidianidade é, simultaneamente, repleta de coisas superficiais e situações plenas? Esta pergunta, embora capciosas, indica a necessidade de se aprofundar o entendimento sobre as diversas dimensões da vida cotidiana, principalmente da dimensão territorial.

Inerentes à própria condição humana, as misérias e as riquezas, nos seus mais diversos conteúdos (econômico, social, psicológico, espiritual, religioso, artístico, etc.), permeiam as diversas dimensões do cotidiano. Mas, como fazer um estudo de tais particularidades sem cair numa abordagem meramente economicista sobre a produção e distribuição das riquezas? Mesmo sem negar a importância dessa discussão, não se pode perder a perspectiva de que são assuntos diferentes, embora interligados.

Na vivência cotidiana, o indivíduo tem prazeres e sofrimentos, pode viver bem ou viver mal, pode satisfazer as suas necessidades que são sociais e fazê-las transformar-se em desejos, individualizados em função do grupo do qual ele faz parte. Por sua vez, os desejos podem ser realizáveis ou não. No entanto, a satisfação das necessidades e a realização dos desejos de cada indivíduo dependerão da relação estabelecida por ele com os elementos (as coisas) que compõem a materialidade humana e dão consistência e conteúdo ao cotidiano em que ele está inserido.

Neste contexto de necessidades e desejos, o território constitui-se como um elemento de vital importância. Para além da relação de oferta de naturezas para serem modificadas pelo homem e transformadas em bens que satisfaçam as suas necessidades, o uso cotidiano do território estabelece outros fatores, concretos ou abstratos, que induzem novas necessidades e possibilitam o surgimento dos desejos, contribuindo desta feita para o enriquecimento do cotidiano.

A abstração e a concretude fazem parte, concomitantemente, da vida cotidiana e da relação estabelecida com o território. Isso requer do sujeito um uso do território e um relacionamento na e com a cotidianidade que lhe exige o emprego de todos os seus sentidos e das suas capacidades perceptivas e sensitivas. Neste sentido, como analisar os aspectos abstratos daquilo que, concretamente, lidamos todos os dias?

Na vida cotidiana, as pessoas repetem os mesmos gestos todos os dias. Elas levantam-se pela manhã e, da mesma forma que fizeram no dia anterior, tomam o café, caminham pelas mesmas ruas, frequentam as mesmas praças, os mesmos bares, cafés e padarias, utilizam dos mesmos meios de transportes e trabalham no mesmo lugar. Mas, além disso, nos dias de hoje, os aparatos de comunicação e informação transformaram-se em componentes ou acessórios de uso contínuo em

todos os momentos do dia. De qualquer lugar que esteja e por meio de aparelho celular, i-fone, tablet, notebook, net book, uma pessoa pode acessar as diversas redes sociais, blogues, sites, ler jornais, livros, etc.. Essa realidade permite além da informação instantânea, a comunicação com pessoas distantes, independentemente da distância ou do local onde elas se encontrem. Por outro lado, o uso constante desse aparato inibe a comunicação presencial, pois para passar o tempo em filas, em salas de espera, ou nos transportes coletivos, as pessoas se recolhem em seus aparelhinhos, jogando, falando, assistindo TV, lendo, ouvindo músicas e não percebem o que acontece ao seu redor. Estes são exemplos que ilustram a dicotomia que vivenciamos nas ações cotidianas entre os aspectos culturais das sociedades e as imposições exercidas pelo modo de produção capitalista. Tudo isso, ao mesmo tempo em que enriquece o cotidiano com novas dimensões, torna ainda mais complexo o seu entendimento.

Como foi afirmado ao longo deste artigo, o cotidiano seria a via pela qual, historicamente, o homem aprofundou a sua condição de humano e deu prosseguimento à existência da humanidade. As mudanças ocorridas no mundo atual com alto uso e difusão de tecnologias de comunicação e informação que dão a impressão de um mundo menor, onde, aparentemente, tudo está disponível e acessível, exigem novas análises e interpretações. Com o contínuo desenvolvimento da técnica a vida cotidiana vai adquirindo aspecto ainda mais complexo, mas a condição humana não se altera, o que modifica é a materialidade produzida pelas gerações pretéritas e legadas para as gerações futuras que passam a manipular coisas até então inimagináveis.

Novos questionamentos se apresentam e, conforme foi alertado nos objetivos deste trabalho, não seria possível respondê-los na sua totalidade. O caráter ensaísta do texto aponta para a necessidade de novos estudos, das mais diversas áreas do conhecimento, que deem conta de sanar algumas das angustias aqui apresentadas.

Referências

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. 4ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994. (Trad. Ephraim Ferreira Alves).
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 4ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992. (Trad. Carlos Nelson Coutinho).
- HELLER, Agnes. *Una revisión de la teoría de las necesidades*. Barcelona: Ediciones Paidós, I.C.E. de la Universidad Autónoma de Barcelona, 1996. (Trad. Ángel Rivero Rodríguez).

- LEFEBVRE, Henri. *De lo Rural a lo Urbano*. (Antologia preparada por Mário Garívia). 4ª edição. Barcelona: Ediciones Península, 1978. (Trad. Javier Gonzalez-Pueyo).
- LEFEBVRE, Henri. *A Vida Quotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo: Editora Ática, 1991. (Trad. Alcides João de Barros)
- MARX, Karl. & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1986. (Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira).
- MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política. Volume I. Livro Primeiro*. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe).
- OLIVEIRA NETO, Antonio Firmino. *A Rua e o Cotidiano*, In, OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. (Org.) *Sobre Humanidades*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007.
- SANTOS, Milton. *O retorno do território*. In, SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura. (Orgs). *TERRITÓRIO: Globalização e Fragmentação*. São Paulo: ANPUR, HUCITEC, 1994a.
- SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994b.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *A Insurreição do Uso*. In. MARTINS, José de Souza. (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.